

2

Metodologia

2.1.

Tipo de Pesquisa

A pesquisa descreve como se processam as decisões e como está estruturado o sistema de poder, sendo ele, ou não, propiciador de manipulação ou de formas mascaradas de dominação sobre os funcionários da empresa de economia de comunhão estudada. Trata-se, portanto, de uma pesquisa descritiva, que, segundo Gil (1991), tem por objetivo descrever as características do fenômeno estudado, possibilitando estabelecer relações entre as variáveis ou dimensões estudadas. Como também possibilita conhecer a natureza dessas relações, embora isto signifique já uma aproximação com o explicar ou o compreender.

Ela procura conhecer o objeto de seu estudo de forma integrativa, relacionando a dimensão poder e a questão da tomada de decisão com a cultura desse tipo de organização, mostrando secundariamente outros aspectos relacionados a seu foco de estudo. Nesse sentido, ela envolve aspectos qualitativos e também quantitativos, possíveis de se lidar no método adotado.

Observando as considerações de Morgan (1996) sobre a obrigatoriedade de relacionamentos para a existência do poder, a pesquisa deve obter informações que mais se aproximem da realidade relacional interna. Para tal, a pesquisa precisa lidar tanto com aspectos objetivos como subjetivos que afloram do meio utilizado, o estudo de caso.

2.2.

Descrição do Método

O estudo de campo realizado se desenvolveu em duas fases. A primeira, através de um conjunto de entrevistas com empresários de economia de comunhão, de caráter exploratório, durante a realização do Congresso Nacional de Economia de Comunhão, realizado em Vargem Grande Paulista, de 29 de abril de

2007 a 1º de maio de 2007, em São Paulo. Nessas entrevistas a abordagem foi mais conceitual, procurando-se descobrir como aqueles empresários entendem as questões da decisão e as relações de poder no interior dessas organizações. E a segunda, através da realização de um estudo de caso simples, realizado na empresa Prodiet em Curitiba/PR para se obter uma visão mais direta de como se processam aqueles dois interligados objetos do estudo, examinando-se também as peculiaridades da cultura organizacional ali desenvolvida.

2.3. Coleta de Dados

A coleta de dados foi feita através da utilização de roteiros de entrevista, com um conjunto de temas para serem discutidos com os entrevistados, que foram aplicados tanto nas entrevistas exploratórias como no estudo de caso. Mas neste, utilizou-se também o método de observação, para a obtenção das formas comportamentais identificadas durante o período de estudo.

Na pesquisa exploratória foram realizadas 5 entrevistas no total, com duração média de 20 minutos.

A pesquisa no estudo de caso abrangeu 16 entrevistados entre gerentes (8), funcionários administrativos (5) e operários (3), tomando 45 minutos de tempo de entrevista em média.

O roteiro aplicado nos funcionários administrativos e operários encontra-se no apêndice I deste trabalho e o direcionado aos gerentes, de nível estratégico, se localiza no apêndice II, sendo o mesmo trabalhado na pesquisa exploratória. Eles são mais detalhados no subitem 4.2.2 deste trabalho.

Após o término da pesquisa, tanto a parte do material coletado gravado quanto as anotações realizadas pelo pesquisador foram compiladas e preparadas para o tratamento realizado no software Atlas.ti.

2.4. Unidade de Análise

Foi escolhida para o estudo de caso a empresa Prodiet, tida por estudiosos

de EdC e por colaboradores focolarinos, como uma das empresas na vanguarda do projeto de EdC, no que toca ao alcance das metas fixadas por Chiara Lubich para o projeto. A escolha se deu por conveniência, considerando-se que não são muitas as empresas consideradas as mais representativas desse projeto.

2.5. Tratamento dos Dados

O estudo de caso teve tratamento quantitativo apenas naquilo que é inerente à análise de conteúdo (seleção de categorias), mas a abordagem foi essencialmente qualitativa em cima das categorias e famílias identificadas. Cabe salientar que, pela ontologia dos fenômenos poder e decisão segundo o referencial teórico, foi privilegiada a análise qualitativa em busca de um melhor entendimento dos mesmos.

Desenvolveu-se, orientado por Bardin (1979), a técnica categorial para análise de conteúdo sobre o material das entrevistas semi-estruturadas de profundidade realizadas. O critério adotado foi o semântico para a busca de evidências. O software Atlas t.i. auxiliou na identificação e análise categorial dos textos.

Segundo Kurtz (2005), baseada em Bardin, a análise de conteúdo representa o instrumento de pesquisa empregado para determinar a presença de algumas palavras ou conceitos dentro de um texto ou conjunto de textos e, a partir da análise dos dados (qualitativa e/ou quantitativa) e das relações entre eles, com a finalidade de fazer inferências sobre as mensagens contidas no texto.

Bardin (1979) define a análise categorial como uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia). Deste modo, a categorização é realizada pelo desmembramento do texto em unidades, em categorias, segundo agrupamentos analógicos, e caracteriza-se por um processo estruturalista que classifica os elementos, segundo a investigação sobre o que cada um deles tem em comum. Ou seja, as categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro) sob um título genérico, em razão dos caracteres comuns a estes elementos.

Segundo a autora, a categorização tem como primeiro objetivo fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos. As inferências finais são efetuadas a partir do material reconstruído. Através das relações entre as categorias, e de suas interpretações, é possível desenvolver explicações e afirmações (proposições).

Supõe-se que o processo de decomposição-reconstrução desempenhe uma determinada função na indicação de correspondências entre o texto analisado e a realidade subjacente. A análise de conteúdo assenta-se implicitamente na crença de que a categorização (passagem de dados brutos a dados organizados) não introduz desvios, por excesso ou por falta, no material, mas que revela índices invisíveis ao nível dos dados brutos. (Bardin, op.cit., p. 119)

A figura 1, abaixo, resume as etapas que foram cumpridas para o alcance dos resultados obtidos na análise de conteúdo das entrevistas realizadas com os empresários do projeto no congresso nacional:

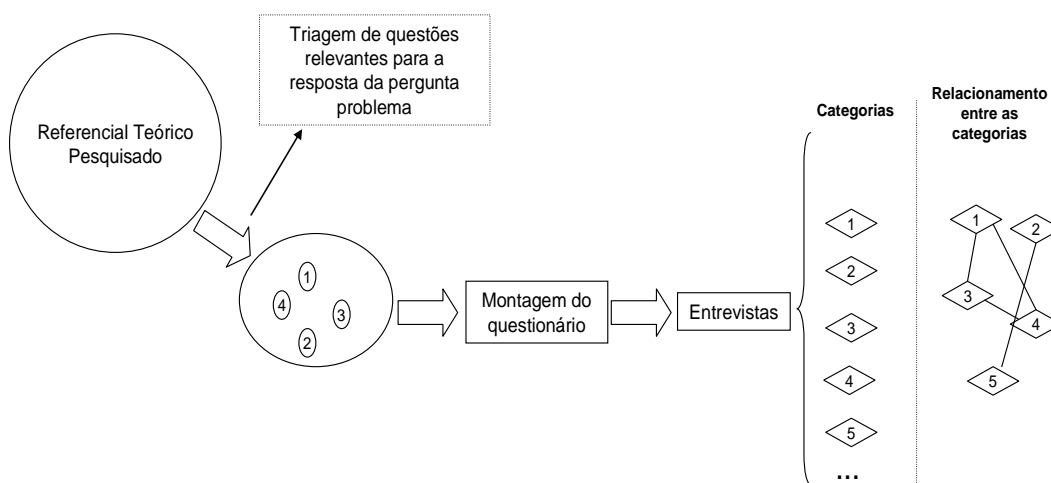


Figura 1: Etapas do método - Empresários

A figura 2, abaixo, demonstra o método utilizado para a análise de conteúdo desenvolvida no estudo de caso na Prodiet:

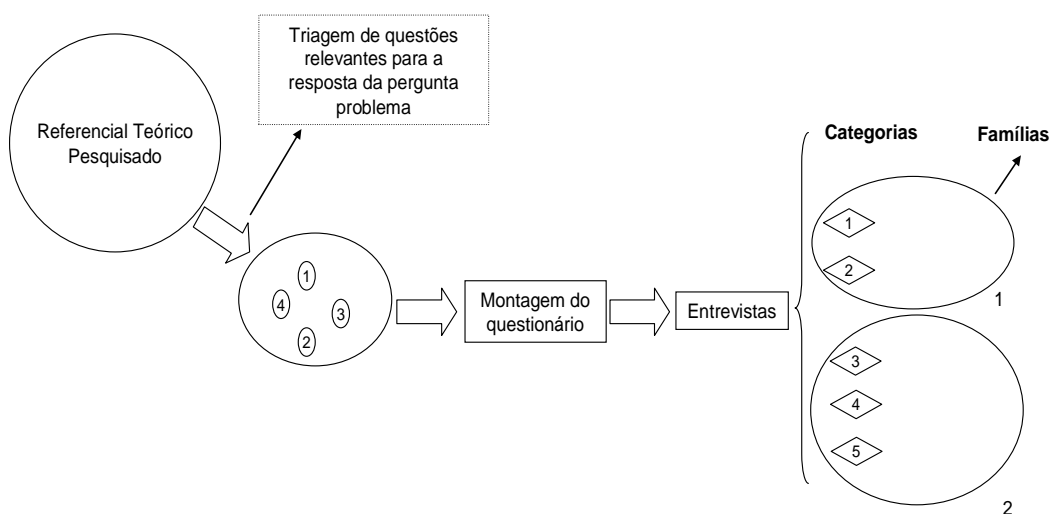


Figura 2: Etapas do método – Prodiet

A construção de tais sínteses e modelos segue as considerações de Demo (2000, p. 102) sobre o construtivismo, que defende que a realidade existe de maneira independente, mas não a captamos como mero reflexo mecânico e direto, e sim através de um sistema perceptor e mental que a interpreta de modo construtivo. Ou seja, as análises aqui apresentadas são interpretações que conferiram significados aos significantes coletados, elas não objetivam a explicação do funcionamento mecânico das coisas e nem descartam a bagagem de conhecimento e os paradigmas do pesquisador influenciando as ilações finais. Aceita-se a idéia de equilíbrio entre a realidade agindo sobre o cérebro, e este sobre a realidade.

2.6. Limitações do Método

A principal limitação é a conhecida característica dos estudos de caso, que não permitem generalizações estatísticas, mas permitem generalização analítica, como observa Yin (2003). É, todavia, um método que permite uma investigação de características significativas da vida organizacional, embora só possa ser generalizável para proposições teóricas, o que é útil em um tema ainda não

investigado, como a questão do poder e a da tomada de decisão em empresas de EdC. Fica implícito, portanto, que o observado na empresa Prodiel não pode ser generalizado para todas as empresas do projeto, inclusive porque, como observaram Almeida e Leitão (2003), o progresso dessas empresas no sentido da adoção de uma “cultura da partilha”, de visão substantiva da gestão, é desigual.

Outra limitação é que, apesar de se perceber, a partir de estudos já realizados sobre essas empresas - a importância da natureza dos relacionamentos interpessoais e interorganizacionais na formação da cultura da partilha (Pinto e Leitão, 2006) - nem todos os tipos de relacionamentos são examinados. Relacionamentos interpessoais, cultura organizacional, poder, decisão são os prioritariamente focados, mas as demais imbricações que essas dimensões possuem são apenas referenciadas secundariamente nos depoimentos colhidos.